

# Brasiguaios: território e jogos de identidades

Marcelo Santa Barbara\*

## RESUMO

O presente texto tem como tema a análise da construção de identidades e dos diferentes níveis de mobilidade entre os imigrantes brasileiros residentes no Paraguai Oriental. A linha de raciocínio adotada é discutir qual o papel atual da reconstrução de identidades sociais no reordenamento territorial provocado, para o Paraguai, pela dinâmica de imigração brasileira.

## PALAVRAS-CHAVE

*Brasiguaios*, imigração, reordenamento territorial.

O caso dos *brasiguaios*, como são genericamente conhecidos os imigrantes brasileiros residentes no Paraguai, tem apresentado grande repercussão internacional. Esses imigrantes, cerca de 350 mil, são, a um só tempo, protagonistas da difusão de uma significativa influência cultural e da introdução do complexo agro-industrial da soja no Paraguai. Tais processos são responsáveis por relações sociais transfronteiriças que relativizam os limites entre esses territórios nacionais.

A relevância do jogo de identidades é expressa por conflitos e resistências culturais que acompanham a legitimação da *des-ordem* territorial vigente nesse *Paraguai brasileiro da soja*. A Revista Veja

(18.08.99) estampava a seguinte manchete: *Limpeza Étnica: os paraguaios invocam rancores da guerra de um século atrás para expulsar colonos brasileiros*. Naquele momento, o Prefeito de San Alberto, brasileiro naturalizado paraguaio, era objeto de um processo de *impeachment*, e vereadores brasileiros comparavam os acontecimentos no Departamento do Alto Paraná aos ocorridos no Kosovo (ex-Iugoslávia). O conflito de terras e a xenofobia dos camponeses sem-terra paraguaios são apontados, por tais pessoas, como principais fatores de retorno dos *brasiguaios* que residem no Paraguai: (...) Estão tirando o prefeito porque ele não é ladrão, não é desonesto e é brasileiro (...), disse um dos dois vereadores brasileiros que compõem a câmara municipal de San Alberto.

\* Mestre em Geografia. Professor da AMAN.

O município de San Alberto, por sinal, é apontado como um *enclave brasileiro* em pleno Paraguai (*Folha do Paraná*, 26.07.98). Essa municipalidade possui cerca de 25 mil habitantes, dos quais se estima que, aproximadamente, 80% sejam brasileiros. Além disso, é a única no Paraguai a ser governada por um brasileiro, naturalizado paraguaio.

Não existe, com efeito, consenso sobre o número de imigrantes brasileiros no Paraguai. De acordo com Kohlhep (1990) seriam 450 mil imigrantes. Já Sprandel (1992) afirma que existem em torno de 400 mil e a revista *Época* (09.08.2000) chega a estipular que sejam um milhão de brasileiros.

A presença brasileira também é significativa em sua influência ideológico-cultural nos Departamentos paraguaios fronteiriços. A *Folha de São Paulo* (27.06.99) chegou a sugerir que os *brasiguaios* faziam a seleção brasileira jogar a Copa América em casa. Rádios locais, em Santa Rita e San Alberto, têm horários em que a transmissão é toda em português. Além disso, dialetos alemães (idioma de muitos dos imigrantes brasileiros originários do Sul do país) são falados por todas as gerações em suas relações familiares. Nas ruas, por causa das relações comerciais, o português é usado tanto por brasileiros quanto por paraguaios. Já na escola, há obrigatoriedade curricular, e as crianças se comunicam em castelhano e guarani.

Se a fronteira do território paraguaio com o Brasil pode ser relativizada pela influência econômica e cultural brasileira - o idioma, por exemplo - também merece destaque o fato de ela ser utilizada por órgãos estatais para controlar o acesso e a circulação de imigrantes brasileiros ilegais. Foram

arrecadados oficialmente, nos últimos três anos, cerca de cinco bilhões de guaranis com taxas legais (ABC Color, 22.06.98).

Algumas questões, tendo em vista o que foi exposto, são importantes para desenvolvermos a análise proposta. Todos os brasileiros que residem no Paraguai podem ser identificados como *brasiguaios*? Qual o peso da difusão do idioma português no redesenhar de uma nova geografia brasileira em terras paraguaias? Existem diferenças entre a ativação das identidades pelos imigrantes clandestinos e os imigrantes em situação legal no Paraguai? O objetivo proposto será analisar como a ativação da identidade *brasiguai* faz parte de um complexo jogo que surge como expressão da conflituosa territorialidade brasileira no leste paraguaio.

## OS RECORDES ESCALARES DA DINÂMICA DE IMIGRAÇÃO BRASILEIRA

Ocorreu, a partir do final da década de 60, um verdadeiro *boom* migratório em direção à franja oriental paraguaia. Esse processo ficou conhecido como a *invasão pacífica* do Paraguai (Pèbayle, 1994). Segundo determinados autores (Laino, 1976), os *espaços vazios* desse país vizinho foram sendo progressivamente ocupados por milhares de agricultores brasileiros. Parcela considerável desse movimento populacional foi fruto dos efeitos, durante as décadas de setenta e oitenta, das políticas agrárias no Brasil. Mas também envolveu um contingente de grandes proprietários rurais e empresários agrícolas que buscavam terras mais baratas e férteis no Paraguai.

Serão adotados, nesse sentido, os Departamentos do Alto Paraná e do Canin-

deyú como um conjunto regional, encerrando o regional na acepção restrita de uma área intermediária entre o Estado-nação e a escala local de relações. Tal escolha deve-se ao fato de serem os Departamentos de maior concentração de imigrantes brasileiros no Paraguai e terem o uso do solo e a paisagem intensamente alterados pelos cultivos da soja, do trigo e do algodão. São, em síntese, uma continuidade da fronteira agrícola brasileira em território paraguaio.

A dimensão regional transfronteiriça marca as relações sócio-geográficas que transcendem os limites nacionais entre o Brasil e o Paraguai, formando redes também transfronteiriças de natureza ideológico-cultural, político-eleitoral e econômica. Os municípios de San Alberto e La Paloma são dois exemplos disso.

### **O PROJETO MARCHA PARA O LESTE: O PARAGUAI NA ÓRBITA DE INFLUÊNCIA BRASILEIRA**

O Projeto Nacional de Marcha para o Leste, através de acordos políticos e econômicos, criou as condições materiais para a expansão da fronteira agrícola capitalista no leste do Paraguai. A República do Paraguai, com efeito, a partir da segunda metade do século XX, foi-se transferindo do raio de ação argentino para a órbita de influência geo-econômica e cultural do Brasil.

A incorporação do leste paraguaio foi descrita por Kohlhep (1999), de modo um tanto polêmico, como uma espécie de subimperialismo brasileiro. Esse processo foi planejado pelo Estado paraguaio e pelo capital privado, esse último representado pela atuação de empresas colonizadoras bra-

sileiras, norte-americanas e japonesas. Essa associação caracterizou-se pela implementação de um reordenamento territorial que materializou os ideais de progresso e modernização capitalista de ambos os agentes. Tal empreendimento ocorreu às custas da desarticulação da territorialização preexistente nesses espaços, não necessariamente vazios. Cabe acrescentar que, nos dois lados da fronteira, um grande contingente de brasileiros e paraguaios foram desmobilizados e outro tanto utilizado como mão-de-obra nesse projeto de ocupação.

Se projetarmos nosso olhar sobre a escala nacional veremos, nitidamente, o reordenamento implantado no Paraguai oriental. O eixo econômico norte-sul, vigoroso até então, foi sendo substituído pela conformação do novo eixo de integração leste-oeste, corredor de exportação disposto no sentido que privilegia as relações comerciais paraguaias com o Brasil. Em 1965, é inaugurada, sobre o rio Paraná, a *Ponte da Amizade*. Essa via de acesso passou a conectar Foz do Iguaçu (PR) à recém-fundada Puerto Stroessner, atual Cidade do Leste. Em 1966, foi concluída a Rodovia BR-277, ligando Assunção ao porto de Paranaguá, no Brasil.

Já no campo político, algumas facilidades foram criadas pelo governo do Paraguai. Nesse sentido, em 1967, ele revogou a lei de segurança nacional que impedia a compra de terras por estrangeiros em um raio de 150km a partir do limite entre os dois Estados nacionais. Essas medidas, em conjunto, relegaram à marginalidade os caminhos que conduziam as transações econômicas do Paraguai ao porto de Buenos Aires, no estuário da Bacia do Prata. Finalmente, a conclusão

do megaprojeto de construção da Itaipu Binacional (1973-1983) une o destino econômico paraguaio ao brasileiro.

### A MARCHA E A "CONTRA-MARCHA" BRASILEIRA PARA O PARAGUAI

A dinâmica de imigração brasileira pode ser, de forma simplificada, esquematizada em três períodos. Os fluxos migratórios durante a década de 60 eram compostos por pessoas oriundas do Norte e Nordeste do Brasil. Eram posseiros que já tinham passagens pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Foram esses imigrantes que prepararam o terreno para a difusão da fronteira agrícola capitalista. Os principais tipos de cultivos desenvolvidos por esse grupo eram o café, o algodão e a menta. De acordo com Wagner (1989), a ordem oficial do Presidente Alfredo Stroessner era *tragam os negros*, grupo que incluía brasileiros mestiços, mulatos e mamelucos. Eram pessoas que, desprovidas de posse, sujeitar-se-iam mais facilmente às condições adversas que seriam encontradas na região a ser desbravada no país vizinho.

A segunda marcha da imigração brasileira ocorreu ao longo da década de 1970. Ingressaram no Paraguai grandes grupos de camponeses oriundos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os brasileiros

já haviam experimentado o processo de reforma agrária no Brasil, aprofundado naquela década por fatores de repulsão como a forte concentração fundiária, a fragmentação das propriedades por herança, a valorização vertiginosa do preço das terras, a modernização tecnológica, a especialização da produção agrícola etc. Em contrapartida, também eram atraídos por fatores como

a existência de terras férteis (terra roxa) e o preço da terra até cinco vezes mais barato que no Brasil.

A difusão em grande escala da agricultura comercial da soja influenciou na formação de uma incipiente rede urbana e na construção de rodovias na região. Elas vão provocar significativas modificações na paisagem, tendo em vista a territorialização pre-

existente nesses espaços. Essas mudanças são localmente vistas de forma bastante ambígua: *... os brasileiros são destruidores da natureza...* afirmou-nos uma professora paraguaia em San Alberto. Em contrapartida, uma brasileira, dona de um hotel local, disse-nos: *(...) sem os brasileiros, os paraguaios não seriam nada; os brasileiros trouxeram o comércio e a agricultura.*

A terceira dinâmica intensifica-se a partir de meados da década de 1980. O sentido do fluxo migratório é invertido. Ocorre o retorno de milhares de famílias brasileiras. Com a expansão da fronteira agrícola da soja para o Paraguai oriental, assistiu-se

*Já no campo político, algumas facilidades foram criadas pelo governo do Paraguai. Nesse sentido, em 1967, ele revogou a lei de segurança nacional que impedia a compra de terras por estrangeiros em um raio de 150km a partir do limite entre os dois Estados nacionais. Essas medidas, em conjunto, relegaram à marginalidade os caminhos que conduziam as transações econômicas do Paraguai ao porto de Buenos Aires, no estuário da Bacia do Prata.*

ao deslocamento de muitas tensões sociais brasileiras para essa área. Esses episódios são agravados pelo fim dos contratos de arrendamento e pela grilagem em função dos títulos de terras falsos vendidos aos brasileiros pelo Instituto de Bem-estar Rural (IBR), uma espécie de INCRA paraguaio. Cabe salientar que o término das obras de Itaipu, em 1983, também aumentou drasticamente as pressões sobre as terras ocupadas próximas à fronteira.

A expansão da fronteira agrícola brasileira fez com que, entre 1985 e 1992, dois milhões de hectares de mata virgem desaparecessem do mapa, para dar lugar a imensos campos de soja.

### BRASIGUAIOS: JOGO DE ACEITAÇÃO E REJEIÇÃO

A ativação da identidade *brasiguaiia* envolve um jogo de aceitação e rejeição que tem ocorrido em situações e por grupos que vão de um extremo ao outro da hierarquia social existente entre os imigrantes brasileiros.

A figura do *brasiguaiio* significava, originalmente, o brasileiro que conseguiu terra no Paraguai e retornou ao Brasil em busca da sobrevivência. São aqueles que acamparam em Mundo Novo (MS), em meados da década de 80, para exigir reforma agrária ao governo. Utilizaram essa identidade como uma estratégia de diferenciação, diante do restante dos brasileiros residentes no Paraguai. Ao mesmo tempo, ela viabilizaria, já em solo brasileiro, a delimitação de um espaço de luta que os distinguisse de outros movimentos sociais brasileiros, como o MST.

As classes sociais mais favorecidas, políticos e grandes produtores de soja, ainda

assim, podem recorrer à identidade *brasiguaiia*, construindo uma suposta homogeneidade do grupo de imigrantes brasileiros capaz de encobrir as disparidades socioeconômicas existentes entre eles no Paraguai. Esse processo está presente, por exemplo, no discurso do Prefeito e de vereadores de San Alberto, quando das pressões impostas pelo movimento dos camponeses sem-terra paraguaios. Naquele momento, o movimento dos campesinos havia acampado na praça central e impedia que o Prefeito despachasse na prefeitura. As invasões de terra, segundo entrevistas no local, eram motivadas pela xenofobia dos camponeses paraguaios contra todos os *brasiguaios*.

A maioria dos imigrantes brasileiros se encontra na clandestinidade (cerca de 60%, de acordo com a Pastoral do Migrante). A clandestinidade se dá quando o imigrante não tem a carteira de imigração, ou quando a possui, mas ela já está vencida. O processo de legalização é caro e burocrático. A Direção Geral de Imigrações do Paraguai cobra, de acordo com o câmbio de janeiro de 2001, um milhão e duzentos mil guaranis (R\$ 705,00) para emitir um novo visto de permanência. Para fazer a renovação, é cobrada a quantia de seiscentos mil guaranis (R\$ 352,00). Cabe mencionar que, de 1996 até agora, muitos já pagaram, mas até o momento não receberam sua documentação do governo paraguaio.

Existem diferentes níveis de desterritorialização entre o empresariado rural e os imigrantes ilegais. Para o primeiro grupo, a grande mobilidade transfronteiriça é um trunfo, pois está associada à inserção desse grupo social aos circuitos comerciais, financeiros e políticos: ... *ser cidadão*

*paraguaia não significa nada, exceto o fato de se ter liberdade para se circular* (empresária brasileira, San Alberto). O grupo empresarial controlado por uma rica família brasileira, por exemplo, representou recentemente o Paraguai em um congresso internacional de produtores de soja em Memphis (EUA). A empresa agrícola Katueté, de um empresário brasileiro, tem seus escritórios funcionando em Guaíra (PR), enquanto os seus silos e plantações de soja estão no Alto Paraná (Paraguai).

A identificação como *brasiguai* é, normalmente, vista com reservas nesse grupo: *Brasiguai não! Brasiguai é o sem-terra, na miséria, isso é o que é o brasiguai, um deportado, sem documento* (empresário brasileiro, San Alberto).

Já para representantes da Pastoral do Migrante, engajados na luta pela legalização dos imigrantes que ainda estão clandestinos, a identidade *brasiguai* carrega o estigma da indigência. O *brasiguai* é visto como sinônimo de apátrida. Seria uma *identidade-obstáculo*, pois eximiria o governo brasileiro de se interessar em facilitar a aquisição de documentos e, tampouco, de pressionar o governo do Paraguai para viabilizar a legalização dos imigrantes que assim desejarem.

Entre os imigrantes clandestinos, no Bairro Colônia Jamaica, em La Paloma, encontramos o extremo oposto da hierar-

quia social. Ele é composto por aqueles que, no dizer de representantes da Pastoral do Migrante, *não têm nada*. São os despossuídos, indivíduos cuja situação é um bom exemplo de como muitos brasileiros podem estar desterritorializados por estarem

submetidos a restrições locais. Tal categoria é composta, basicamente, por trabalhadores inseridos nos circuitos informais da economia em atividades heterogêneas, tais como a de diarista que trabalham no corte de madeira, na colheita, em serviços gerais nas fazendas, negociando a venda de animais etc.

Esses imigrantes vivem em condições políticas e sociais extre-

mamente precárias. Eles carecem de serviços básicos de saúde e educação; a maioria não tem a documentação paraguaia e, tampouco, a brasileira, fato que dificulta a sua mobilidade territorial. Grande parte desses imigrantes brasileiros é analfabeta e chega a confundir o português com o espanhol. Como disse Valério de Freitas (Pastoral do Migrante de San Alberto): ... *falam um palavrório que não tem nem em dicionário...*

As redes transfronteiriças são compostas por fluxos de diversas ordens - econômicos, culturais e políticos. Esses diversos níveis de mobilidade variam de acordo com as classes sociais, os produtos e as informações. As redes podem ser representadas, resumidamente, pela conformação dos seguintes tipos:

***O processo de legalização é caro e burocrático. A Direção Geral de Imigrações do Paraguai cobra, de acordo com o câmbio de janeiro de 2001, um milhão e duzentos mil guaranis (R\$ 705,00) para emitir um novo visto de permanência. Para fazer a renovação, é cobrada a quantia de seiscentos mil guaranis (R\$ 352,00). Cabe mencionar que, de 1996 até agora, muitos já pagaram, mas até o momento não receberam sua documentação do governo paraguaio.***

• *Redes político-eleitorais*

Muitos imigrantes mantêm atualizado o título eleitoral brasileiro. É comum políticos de cidades brasileiras fronteiriças fazerem campanha no Paraguai, prometendo serviços (acesso à educação e à saúde) que o Estado não proporciona. Por isso, existem milhares de eleitores que, embora residam em território paraguaio, continuam votando no Brasil. Em Foz do Iguaçu, por exemplo, calcula-se que cerca de 10 mil *brasiguaios* tenham participado das últimas eleições (*A Gazeta do Iguaçu*, 10.09.1996). É bom frisar, todavia, que são poucos os brasileiros que estão vinculados à cidadania paraguaia e à cidadania brasileira. Esses privilegiados têm condições de vivenciar vantagens nos dois territórios, por causa de sua ampla capacidade de mobilidade;

• *Redes econômicas*

A circulação, a distribuição e o consumo de produtos *made in Brazil* é intensa no Paraguai Oriental. Sob o aspecto das relações comerciais legais, temos a atuação de comerciantes, de técnicos e de representantes de empresas brasileiras que compartilham informações, capitais e recursos entre essa região e áreas de origem dessas empresas no Brasil. Sob as relações ilegais, destacam-se o contrabando de drogas, café, armas, madeiras, produtos agrícolas, automóveis etc. Existem, de acordo com a Polícia Federal, cerca de 17 pontos no Rio Paraná usados como atalhos

para a contravenção e o crime organizado. Algumas empresas importadoras brasileiras, situadas no lado paraguaio, atuam recebendo o contrabando de café e madeira do Brasil. E revendem tais produtos a preços bem mais altos no Paraguai;

• *Rede ideológico-cultural*

A penetração da cultura brasileira, através da utilização maciça do idioma português, transformou Cidade do Leste em um tipo de enclave cuja hinterlândia é dominada pela imigração brasileira e pelo complexo agro-industrial da soja.

***A penetração da cultura brasileira, através da utilização maciça do idioma português, transformou Cidade do Leste em um tipo de enclave cuja hinterlândia é dominada pela imigração brasileira e pelo complexo agro-industrial da soja. Em municípios como San Alberto, o português é o primeiro idioma de comunicação.***

Em municípios como San Alberto, o português é o primeiro idioma de comunicação; ademais, merecem destaque as programações de rádios locais, feitas quase que exclusivamente em português (vide a *Pioneira* 93.5, de San Alberto). Além disso, é notória a grande difusão local de redes de emissoras brasileiras de rádio e televisão (Globo, SBT, Bandeirantes etc.) captadas, via satélite, pelas antenas parabólicas locais.

**PORTUGUÊS: IDIOMA DOMINANTE E MEIO PARA A DIFUSÃO GEOGRÁFICA DE VALORES**

Somada ao modo como são reconstruídas as identidades, é interessante enfocarmos como a difusão do idioma português, diante dos paraguaios que falam espanhol e guarani, passa a expressar conflitos e resistências culturais advindos da presença brasileira. Seleccionamos alguns depoimentos:

... Os paraguaios, tudo, tudo falam português (sic). Tem brasileiro que tem trinta, quarenta anos aqui e não sabe conversar castelhano. O brasileiro não quer dar o braço a torcer. Os paraguaios falam desde pequenininho, assistem programa da Xuxa e aprendem. Aqui pega (sic) todos os canal (sic) do Brasil...

(imigrante brasileira, La Paloma).

... Os brasileiros que estão lá, em casa, falavam alemão, na rua; português; na igreja, português e na escola têm que falar automaticamente castelhano e guarani. (...). Ao mesmo tempo, o paraguaio adora falar o português (sic). Se você vai falar com o paraguaio em castelhano, ele te responde em português. Eles dizem que querem aprender a falar português...

(Zenaíde Guarniere, coordenadora da Pastoral do Migrante).

... Aqui há paraguaios que falam português e não falam o guarani. Por isso eu te digo, a integração aqui é total. Não pegamos canais paraguaios, porque não temos satélites, os canais não são satelitados... (sic)

(Sr. Adílio, diretor de colégio, San Alberto).

O fato de o paraguaio praticamente ser obrigado a falar português denota a desigual distribuição de capital simbólico (prestígio social) nas áreas em questão. Nesse caso, como nos disse a diretora paraguaia do Centro Paroquial Espírito Santo (CEPES), situado em La Paloma: ... são os paraguaios que têm que se adaptar ao português. Aprender tal idioma é quase que um imperativo, perante o domínio demográfico e econômico dos imigrantes brasilei-

ros na região. Nesse sentido, Raffestin corrobora nossa análise ao afirmar que:

... a língua é, sem nenhuma dúvida, um dos mais poderosos meios de identidade de que dispõe uma população. Por essa razão ela ocupa um lugar fundamental na cultura e é, por isso mesmo, um recurso que pode dar origem a múltiplos conflitos (...) O grupo dominante que impõe o seu modo de produção impõe também a sua linguagem, pois a língua também é trabalho.

Ao contrário, são poucos os imigrantes brasileiros que sentem a necessidade real de falar o castelhano. Nenhum dos adultos por nós entrevistados, alguns há mais de 30 anos no Paraguai, sabia se comunicar em guarani. Todavia, é bem mais comum, entre as crianças e os jovens brasileiros que freqüentam a escola, aprender o castelhano e o guarani, os idiomas nacionais do Paraguai, além de falarem o português e o alemão.

O uso do idioma guarani tem aumentado no Paraguai. A intenção do Estado paraguaio seria unificar lingüisticamente o país. Tal idioma é ensinado desde o pré-escolar até o ensino médio. No vestibular, entretanto, ainda não é obrigatório.

Os brasileiros teriam mais resistência em aprender o guarani do que os paraguaios em aprender o português, fato que a diretora do CEPES, instituição de ensino local, classifica como uma *resistência cultural* das crianças brasileiras.

## CONCLUSÃO

Tudo muda muito rápido na fronteira Brasil-Paraguai. Lá os imigrantes parecem não fixar raízes profundas. O convite à mobilidade é constante, mas tem significa-

dos bastante diferenciados. Articularmos, conceitualmente, o território, a reconstrução de identidades e a migração. Isto tornou possível algumas reflexões sobre a complexa geografia redesenhada entre o Paraguai e o Brasil pela dinâmica dos imigrantes brasileiros.

Com efeito, temos a relativização da antiga idéia de identidades fixas, as quais têm como referência um território bem definido. Os imigrantes vivenciam territorialmente um conjunto diferenciado de possibilidades e ativam suas identidades de acordo com o que está em jogo no momento.

A identidade *brasiguai* é composta pela junção de duas nacionalidades, revelando a condição de ambivalência de um indivíduo, que pode transitar por esses dois territórios nacionais. Ela representa, por exemplo, um caráter de hege-

monia, quando ativada pelos representantes da elite brasileira local. Já, no que tange à Pastoral do Migrante, trata-se de uma *identidade-obstáculo* e, para a imprensa, sinônimo de todo o brasileiro que vive no Paraguai.

Existe também um campo de estudo aberto pela dinâmica migratória brasileira, sobre uma geografia lingüística transnacional. Isso ocorre com a manutenção de laços ideológico-culturais entre os imigrantes brasileiros residentes no Paraguai e o Brasil. A utilização do idioma português e a difusão dos veículos de comunicação brasileiros são os principais meios de reprodução desses vínculos. O que dizer então das projeções territoriais das novas sínteses sociais e das redes estabelecidas pelos imigrantes entre as áreas de origem no Brasil e as de destino no Paraguai? ☉

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- . *Razões práticas sobre teoria e ação*. São Paulo: Papirus Editora, 1997.
- LAINO, Domingo. *Paraguai: fronteiras e penetração brasileira*. São Paulo: Global Editora 1979.
- PÉBAYLE, Raymond. *Les brésilguayens: migrants brésiliens au Paraguai*. Paris: Revue européenne des migrations internationales. v. 10 - n. 2, 1994.
- KOHLHEPP, Gerd. *Problems of dependent regional development in Eastern Paraguay with especial relevance to brazilian influence in the pioner zone of de Amambay plateau*. Tübingem: Applied Geography and Development nº 22, 1999.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- SPRANDEL, Marcia Anita. *Brasiguaios: conflitos e identidades em fronteiras internacionais*. 1992 Dissertação (Mestrado), Museu Nacional (UFRJ), Rio de Janeiro.
- WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1989.